

VIOLÊNCIA DE GÊNERO NA UNIVERSIDADE: UM ESTUDO SOBRE A PERCEPÇÃO DAS DISCENTES DA UEMS DE PARANAÍBA

Camila Alves de Mendonça Oliveira (UEMS, PPGEDU)¹

Lucélia Tavares Guimarães (UEMS – PPGEDU)²

Resumo

O trabalho trata-se de uma apresentação de resultados sobre a experiência de um projeto de iniciação científica, realizado no ano de 2017, na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, a fim de compreender como se deram as relações de gênero na Universidade, com base no currículo dos cursos e trajetória acadêmica, levando em consideração que a violência sofrida pelas acadêmicas era sutil, sendo tolerada e naturalizadas de tal maneira que as discentes nem se percebiam enquanto vítimas de violência de gênero. A pesquisa utilizou uma metodologia que consistiu em levantamento documental e aplicação de questionário para coleta de dados com as discentes da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba e análise dos dados coletados utilizando o referencial teórico adotado: Saffioti, Bourdieu para explicar gênero e violência. Os resultados demonstraram fragilidade de compreensão do conceito de violência de gênero, bem como a naturalização da violência no ambiente universitário.

Palavras-chave: Universidade; Mulher; Violência de gênero.

Abstract

The work is a presentation of results about the experience of a scientific initiation project, carried out in 2017, at the State University of Mato Grosso do Sul, in order to understand how gender relations occurred at the University, with based on the course curriculum and academic trajectory, taking into account that the violence suffered by the students was subtle, being tolerated and naturalized in such a way that the students did not even perceive themselves as victims of gender violence. The research used a methodology that consisted of a documentary survey and application of a questionnaire to collect data with students from the State University of Mato Grosso do Sul, University Unit of Paranaíba and analysis of the data collected using the theoretical framework adopted: Saffioti, Bourdieu to explain gender and violence. The results demonstrated a weak understanding of the concept of gender-based violence, as well as the naturalization of violence in the university environment.

Keywords: University; Woman; Gender violence.

¹ Especialista, mestranda, bolsista CAPES.

² Doutora PUC/SP, docente do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul/Unidade Universitária de Paranaíba e do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Educação da UEMS/Unidade Universitária de Paranaíba



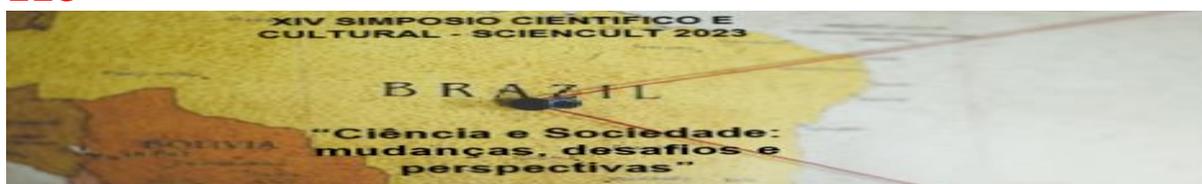
INTRODUÇÃO

O gênero é uma construção social que se baseia nas interpretações da identidade do homem e da mulher. Saffioti (1987) argumenta que, na sociedade capitalista, essas interpretações de gênero são usadas como base para manter relações de poder, opressões, subordinação e dominação. As características e papéis associados ao que é considerado “masculino” e “feminino” não são determinados apenas pela biologia, mas são amplamente moldados pela sociedade. Isso significa que a forma como vivenciamos o gênero é cultural.

Para Saffioti (2004, p.136), a categoria gênero “carrega uma dose apreciável de ideologia”, isso porque o papel das mulheres consiste em uma estrutura de poder que oprime e explora as mulheres, tornando-as inferiores aos homens. Os modos que os papéis sociais são distribuídos socialmente marcam a desigualdade. Segundo Saffioti (1992), se tornar mulher é uma construção que acarreta nessa desigualdade, já que a sociedade tem se organizado de maneira que naturaliza essas relações e os papéis impostos às mulheres. Nesse sentido, a violência de gênero é toda e qualquer violência cometida em consequência de seu gênero, em seu domicílio. (BRASIL, 2020). Segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2019), no nosso país uma a cada quatro mulheres sofreram algum tipo de violência. Logo buscamos compreender como a violência de gênero se deu no espaço da Universidade. E como a violência de gênero é compreendida pelas discentes da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, unidade universitária de Paranaíba.

As mulheres brasileiras por muito tempo eram educadas em casa ou em internato, não tinham acesso ao ensino superior, o ensino tinha cunho doméstico para que fosse “acrescido de elementos que pudessem torná-las não apenas uma companhia mais agradável ao marido, mas também uma mulher capaz de bem representá-lo socialmente” (LOURO, 2013, p.446). Sendo assim, sabemos o quão relevante é que as mulheres estejam ocupando o espaço da Universidade.

Para Wolf (1993), a Universidade é um espaço em que o produto é as pessoas, com isso há imposição de valores e hegemonias, bem como reprodução social. “A instituição acadêmica se defende dessas acusações insistindo que não toma posição (...) ela se mantém neutra em relação a valores” (WOLFF, 1993, p. 81). Contudo, em meio ao que é reproduzido, as mulheres continuam sendo violentadas, mas agora em outra instância.



Juntamente com os estudos de gênero, verificou-se a categoria patriarcado, a qual consiste no círculo de controle. Isso faz com que a sociedade e o Estado estejam no controle da mulher e dos seus desejos. O patriarcado “baseia-se no controle e no medo, atitude/sentimento que formam um círculo vicioso” (SAFFIOTI, 2004, p.121).

Segundo dicionário Houaiss, violência trata do que é violento. Isto é, toda forma de violação, seja ela física, moral, sexual ou psíquica. Segundo a Atlas da violência (2016, p.6) o Brasil subiu no ranking de países mais violentos do mundo.

Para Saffioti (2004), violência é a violação da integridade da vítima. Geralmente, a violência decorre do sentimento de superioridade. Esse sentimento está em todas as relações existentes, desde a família, escola, trabalho, universidade. Nesse sentido, o estudo buscou pensar nas relações estabelecidas em todo o corpo discente que constitui a UEMS/Paranaíba em 2017.

Procedimentos metodológicos

A metodologia utilizada para a pesquisa desenvolveu-se em três estágios:

Levantamento documental, coleta, organização e análise de documentos oficiais, como o Plano de Desenvolvimento Institucional, o Projeto Político Pedagógico dos cursos e o Regimento Institucional, resultando em um relatório parcial com vistas a contribuir o desenvolvimento do segundo e terceiro estágio da pesquisa.

O segundo estágio foi a realização da pesquisa de campo, que teve como proposta a aplicação de questionário com questões abertas junto discentes da UEMS/Paranaíba, em que se considerou ser possível alcançar um melhor desenvolvimento do terceiro e último estágio. A pesquisa é uma criação que mobiliza a acuidade inventiva do pesquisador, sua habilidade artesanal e sua perspicácia para elaborar a metodologia adequada ao campo de pesquisa, aos problemas que ele enfrenta com as pessoas que participam da investigação. (2008, p. 85).

O último estágio consistiu na triangulação de dados e análise dos mesmos a partir do método marxista, a partir do referencial adotado para análise de gênero Saffioti e para análise de violência Bourdieu. Saffioti (1992) trata de gênero a partir de uma perspectiva marxista em que analisou a sociedade capitalista e ressaltou hierarquias e suas contradições. Nesse sentido, a autora trata da teoria dos nós, que destaca a interseccionalidade das opressões, porque considera que gênero, raça e classe são interligadas. Saffioti (1992) reconhece que as



opressões não são vividas da mesma forma por diferentes mulheres, mas depende de qual grupo aquela mulher está inserida, demonstrando assim como o poder tem como base a desigualdade.

Tratar da teoria do “nó” é compreender que as interseções não são somadas, mas conforme Saffioti (2015) resultam numa complexidade única. Não basta enfrentar o fato de ser mulher, ou de ser negra, mas a combinações de tais características torna a experiência de vida mais complexa e opressora. Ou seja, as mulheres são discriminadas e subalternizadas enfrentando experiências opressoras e violentas.

O importante é analisar estas contradições na condição de fundidas e enoveladas ou enlaçadas em um nó. [...] Não que cada uma destas condições atue livre e isoladamente. No nó, elas passam a apresentar uma dinâmica especial, própria do nó. Ou seja, a dinâmica de cada uma condiciona-se à nova realidade. De acordo com as circunstâncias históricas, cada uma das contradições integrantes do nó adquire relevos distintos. E esta motilidade é importante reter, a fim de não se tomar nada como fixo, aí inclusa a organização social destas subestruturas na estrutura global, ou seja, destas contradições no seio da nova realidade - novo patriarcado-racismo-capitalismo - historicamente constituída (SAFFIOTI, 2004, p.125).

Para tratarmos de violência, considerando o fato de que a violência simbólica é mais presente, devido às relações de poder que são instituídas na Universidade, optamos por tratar a partir de Bourdieu. Para o autor, a violência simbólica parte da cumplicidade que há de quem sofre e de quem pratica, sendo ela uma forma de coerção baseada em acordos não conscientes entre estruturas objetivas e estruturas planejadas, portanto a violência é sustentada por estruturas mais amplas.

Bourdieu (2012) argumenta que a violência ocorre muitas vezes de maneira sutil, por isso é tolerada socialmente, essa falta de consciência ressalta a importância de examinar as estruturas de poder e as normas que podem contribuir para a perpetuação da violência. Dessa maneira, é imprescindível que haja análise crítica dos acordos institucionalmente implícitos e inconscientes, buscando justiça social dentro da Universidade.

Resultados e discussão

Durante o período do estudo foi perceptível que a violência de gênero sofrida pelas acadêmicas nem sempre foi reconhecida pelas vítimas, algumas foram silenciadas, outras não



falavam por medo e muitas não se reconheciam como vítimas, devido ao processo de naturalização da violência. Isso decorre porque vivemos em uma sociedade machista que ainda naturaliza a violência contra a mulher. A banalização ocorre, pois a mulher na visão machista deve ser submissa, subalternizada e não deve se manifestar contrária ao que um homem diz. “A presença do machismo compromete negativamente os resultados das lutas pela democracia, pois se alcança, no máximo, uma democracia pela metade” (SAFFIOTI, 1987, p.24).

No ambiente universitário, o silenciamento, a desqualificação intelectual, a escolha do corpo dentro dos padrões, são exemplos de violência de gênero. A violência de gênero é estrutural e não limitada a fatos individualizados, mas um fenômeno sistêmico. Saffioti (2004) aponta que a violência contra as mulheres é uma expressão direta das relações de poder desiguais entre homens e mulheres no patriarcado. Além disso, a autora ainda destaca como a violência de gênero é uma forma de controle e coerção que subalterniza as mulheres, pois as oportunidades além de desiguais são limitadas.

Conforme Saffioti (1992), os movimentos feministas chegaram a ser contestados, no seu início, pois abrangia em sua maioria mulheres brancas, de classe média e heterossexual. Esses questionamentos nos permitiram entender que as relações de gênero não são exclusivas de uma classe média dominante. O patriarcado passa então a ser questionado. Saffioti (1992) destaca que, nos últimos séculos da história, as mulheres estiveram em posição de inferioridade aos homens. “Tratar esta realidade exclusivamente em termos de gênero distrai a atenção do poder do patriarca, em especial como homem/marido, ‘neutralizando’ a exploração-dominação masculina” (SAFFIOTI, 2004, p. 136).

O patriarcado é a hegemonia do homem sobre a mulher. “Embora as mulheres não sejam cúmplices dos patriarcas, cooperam com eles” (SAFFIOTI, 2004, p.65), isso ocorreu por que mecanicamente essa ideia está impregnada culturalmente, um exemplo é o controle do marido sobre a esposa.

Nesse sentido, o patriarcado produz violência no âmbito público e privado, sendo assim muitas mulheres se encontram numa posição de culpadas por não suprirem as expectativas dos padrões impostos. É importante compreender que isso parte da estrutura social machista que estamos inseridos, que desqualifica e inferioriza a mulher e engrandece o homem.



A violência é o rompimento da integridade, seja ela sexual, psíquica, física, verbal, patrimonial, etc. "O vetor mais amplamente difundido da violência de gênero caminha no sentido homem contra mulher tendo a falocêntria como caldo de cultura" (SAFFIOTI, 2004, p.71). Os casos abusivos são em sua grande maioria praticado por homens, e cerca de 38,72% sofrem agressões diariamente, segundo dados da Central de Atendimento a Mulher (2015). "Não basta que um dos gêneros conheça e pratique atribuições que lhes são conferidas pela sociedade, é imprescindível que cada gênero conheça as responsabilidades do outro gênero" (SAFFIOTI, 1992, p. 10).

Dentro do contexto acadêmico observamos que, as relações de gênero ainda são pouco debatidas e conseqüentemente casos de violência acabam acontecendo e em alguns casos banalizados. Existe ainda uma naturalização da violência de gênero, esse domínio muitas vezes não é enxergado socialmente. A naturalização pode partir diretamente mulher que sofre o abuso e não reconhece como tal ingenuamente, já que as mulheres de certa forma aprendem a se sentirem culpadas desde cedo, o que se torna visível nos resultados alcançados a partir do questionário implementado. Isso acontece porque "a violência observada é uma violência que se exerce com a cumplicidade tácita aqueles que a sofrem e também, frequentemente, aqueles que a exercem na medida em que uns e outros são inconscientes de a exercer ou a sofrer" (BOURDIEU, 1996, p.16)

Segundo pesquisa realizada pelo Instituto Avon, cerca de 67% das acadêmicas já sofreram algum tipo de agressão, e não apenas dentro do espaço universitário, mas também em festas, trotes, dentre outros. Em muitos casos as mulheres não denunciam, em alguns elas se quer reconhecem o abuso sofrido. "A mulher foi socializada para conduzir-se como caça, que espera o "ataque" do caçador" (SAFFIOTI, 2004, p.27), ou seja, a cultura machista é evidente no que diz respeito ao comportamento do indivíduo.

Por isso é importante que a Universidade esteja pronta para estabelecer reflexões e diálogos, promovendo à desconstrução das imposições sociais as mulheres, bem como da dominação masculina que ainda é utilizada para coibir e coagir mulheres no espaço acadêmico, usando da violência simbólica para que não ocorra denúncias.

Apesar de um significativo acesso de mulheres ao Ensino Superior nas últimas décadas, a Universidade, assim como a escola "é um lugar de domínio masculino, baseado em relações de poder destinadas a manter um currículo estruturado em torno de práticas que



ajudam a disciplinar o Eu, o corpo, as emoções, o intelecto e o comportamento” (PACHECO, 2005, p.138). De acordo com Chauí (2003, p.1) “A universidade é uma instituição social e como tal exprime de maneira determinada a estrutura e o modo de funcionamento da sociedade como um todo”.

A Universidade é reprodutora da dominação masculina, com isso ela reproduz a violência simbólica e naturaliza as relações violentas de gênero. Desse modo, buscamos compreender as manifestações de violência de gênero presentes na Universidade, uma vez que a sociedade atinge alto grau de êxito neste processo repressivo, que “modela homens e mulheres para relações assimétricas, desiguais, de dominador e dominada.” (SAFFIOTI, 1987, p.40).

Temos visto que as universidades brasileiras vêm sofrendo uma série de exposições frente aos casos de violência de gênero, como por exemplo, a USP (Universidade do Estado de São Paulo) e a UFRRJ (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro), algumas vítimas revelaram ainda que os casos eram "abafados" no âmbito das instituições mencionadas. O medo das acadêmicas em denunciar sofreu reduções graças ao apoio de movimentos, de colegas e de algumas universidades. É importante ressaltar que esse medo de falar surge em decorrência dos ensinamentos machistas que estão em nosso meio. Desde a educação básica a sexualidade é censurada, mantendo assim a "normalidade", porém esses conceitos são antiquados a nossa sociedade atual. (INSTITUTO AVON, 2015).

A violência de gênero "não ocorre aleatoriamente, mas deriva de uma organização social de gênero, que privilegia o masculino" (SAFFIOTI, 2004, p.81). Nesse sentido, buscando compreender como as discentes se entendiam nesse contexto foi aplicado um questionário com perguntas de caráter discursivo sobre violência de gênero. Depois fizemos a triangulação dos dados coletados por meio do questionário e análises dos mesmos a partir do referencial teórico adotado.

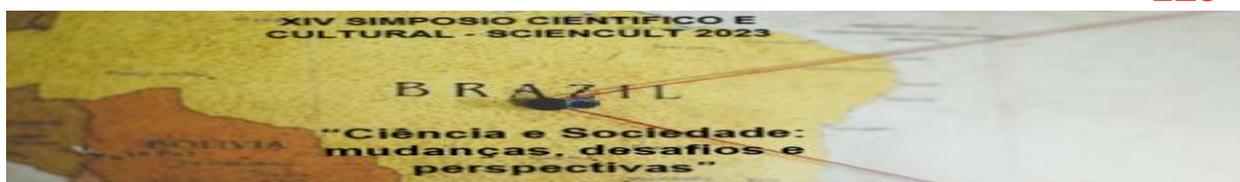
Vejamos abaixo as perguntas feitas as acadêmicas e as respectivas respostas que foram dadas:



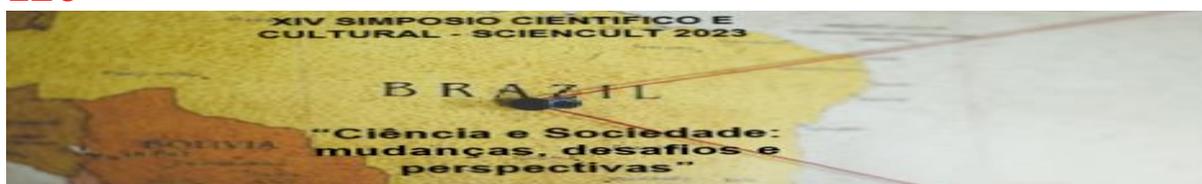
Participantes	1.O que você compreende por violência de gênero?	2.Você já percebeu algum caso de violência de gênero? Descreva.	3.Você já sofreu violência de gênero na universidade? Descreva.
Ana	“O abuso de poder, o desrespeito pelo outro, quando o direito é negado.”	“No momento em que me surpreendo em uma cena de desrespeito, já administro como um ato de violência.”	“Sim, quando criticaram que eu só consegui estar no campo universitário por causa de cotas... Mas espera um momento! Isso não é um direito meu?”
Maria	“Qualquer tipo de violência relacionada a minha sexualidade e meu sexo no caso feminino.”	“Sim várias, exclusão por ser mulher, e em outro pela pessoa ser Gay, incluindo nessas situações agressões verbais, de cunho machista e sempre menosprezando e diminuindo.”	“Ainda não.”
Luísa	“Não respeitar a opção de cada um. Interferir na opção do outro. Fazer piada com seu semelhante.”	“Sim. Uma pessoa fazendo piada com a opção da outra.”	“Não. Não que eu tenha percebido.”
Deise	“Aversão a pessoa pelo gênero diferente.”	“No meu convívio diário, não.”	“Não.”
Bia	“Qualquer tipo de violência, física, verbal, emocional, psicológica feita por alguém de gênero diferente da vítima. Tal agressão existe somente pela vítima ser de gênero x ou y.”	“Somente nas mídias, pessoalmente nunca presenciei (ou não percebi).”	“Não.”
Helena	“Menosprezar, diminuir, humilhar qualquer tipo de atitude praticada pela vítima, ou	“Sim, quase todos atrelados ao machismo, onde	“Em relações em reuniões as minhas opiniões



	a vítima em si, por conta do seu gênero.”	havia vários homens obstruindo o trânsito e eu estava presa no trânsito por conta dos homens, mas o rapaz que estava sendo prejudicado (assim como eu) veio gritar justamente comigo, falar que eu não sabia dirigir, que eu estava obstruindo o trânsito, dizendo as palavras "tinha que ser mulher".”	sempre são pouco consideradas.”
Joana	“Agressão ou constrangimento físico, moral, verbal ou qualquer outra forma de imposição que busque limitar as ações, pensamentos ou opções de uma pessoa em virtude de seu gênero, que pode, ou não, ser "diferenciado" (destaco o diferenciado entre aspas, em decorrência da atribuição de que o 'comum' seria aquele preceituado historicamente, como o heterossexual).”	“Diversos . Cotidianamente observo, principalmente as "violências veladas" (aquelas que 'aparecem' em forma de piadas e/ou comentários discriminantes). Quanto à violência física, presenciei agressão de um grupo de 5 pessoas contra um "homossexual" (as aspas é porquê não sei qual seria a denominação correta, pois não acompanhei o caso, após a chegada da Polícia).”	“NÃO!”
Pamela	“Toda e qualquer desqualificação da pessoa de acordo com sua orientação sexual, seja com agressões verbais, físicas e psicológicas.”	“Não.”	“Não.”



Cíntia	“Ataques contra mulheres simplesmente por serem mulheres.”	“Sim, quando namorava.”	“Não.”
Roberta	“A descapacitação, mesmo. Retirar todo o crédito/desacreditar de outrem apenas considerando o gênero.”	“Sim, dentro da minha casa. Sinto que meu conhecimento é desacreditado apenas por ser mulher.”	“Bem, nada muito explícito. Mas a violência de gênero está presente em todos os âmbitos, o que difere é o patamar e a maneira como interpretamos.”
Francini	“Hierarquia de gênero, com o masculino como superior e impondo o papel submisso e maternal como inatos da mulher através da sua postulada virilidade (agressividade e dominação).”	“Sim. Homens agem o tempo todo como se fôssemos propriedade que não deve consentir nada. Já interferi em agressão de companheiro na rua, sofri abuso sexual (como praticamente todas as minhas amigas) aos 5 anos, fui vítima de estupro, vi meu pai agredir minha mãe, sempre sou assediada quando saio com alguma menina pelo fetiche masculino na relação lésbica.	“Sim. O namorado de uma amiga sabia que eu era lésbica e fazia “brincadeiras” sem graça.”
Manoela	“Pessoas que não aceitam ver a pessoa como ela se sente bem, e se sentem no direito de diminuir o menosprezar.”	“Não.”	“Não.”
Keila	“Opressão de um gênero tido como dominante sobre um gênero que seria considerado mais frágil”.	“Não.”	“Não consigo descrever precisamente.”
Sofia	“Violência direcionada a um	“Não.”	“Não.”



	indivíduo de determinado gênero, em função desse gênero.”		
Isabel	“Que pelo simples fatos de ser mulher ou homoafetivo, você sofre violências físicas e psicológicas.”	“Não.”	“Quando eu brigo por algo que não concordava, diziam que mulher era muito cheia de mimimi...”
Sabrina	“Machismo e tudo que afeta a mulher na sociedade patriarcal.”	“Todos os dias, sendo mulher e sendo assediada, ou observando a sociedade como um todo, o machismo é a estrutura base da sociedade.”	“Sim, sendo desacreditada por ser mulher, ou seu trabalho não foi tão levado a sério quanto a sua beleza e charme.”
Élida	“É qualquer tipo de violência física ou psicológica encima de uma pessoa ou grupo específico de gênero, mulher/homem/cis/trans.”	“Diariamente, piadas e pequenos ataques contra mulheres devido ao seu gênero.”	“Sim. Já sofri por universitários no trote”

Em oito respostas há interpretação que gênero está relacionado com a orientação sexual do indivíduo. Isso se dá porque há dúvidas sobre o que de fato é gênero, muitas vezes não é dissociado da orientação sexual. Logo, devemos compreender que “[...] o gênero enfatiza um conjunto de relações que podem incluir o sexo, mas que não é determinado por este, tampouco determina o desejo sexual (SCOTT, 1995, p. 7)”.

Algumas respostas imprecisas sobre o que pensam acerca do assunto nos fazem compreender como a violência de gênero é pouco reconhecida. A acadêmica Maria diz que, ainda não viveu um caso de violência na universidade, mas não descarta a hipótese de que ainda possa sofrer.

Os sistemas simbólicos são instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam contribuindo assim para a submissão inconsciente dos dominados. (BOURDIEU, 1989, p.11).



Outro fator que é importante destacar é as respostas sobre o que é violência de gênero, elas revelam imprecisão do que de fato é a violência de gênero. Em continuidade, notamos que há uma contradição nas respostas, no sentido que algumas alunas respondem o que é a violência, mas não se percebem como vítimas.

O gênero constitui uma verdadeira gramática sexual, normatizando condutas masculinas e femininas. Concretamente, na vida cotidiana, são os homens, nesta ordem social androcêntrica, os que fixam os limites da atuação das mulheres e determinam as regras do jogo pela sua disputa. Até mesmo as relações mulher-mulher são normatizadas pela falocracia. E a violência faz parte integrante da normatização, pois constitui importante componente do controle social. Nestes termos, a violência masculina contra a mulher inscreve-se nas vísceras da sociedade com supremacia masculina. Disto resulta uma maior facilidade de sua naturalização, outro processo violento, porque manietta a vítima e dissemina a legitimação social pela violência [...] (SAFFIOTI, 1995, p. 32).

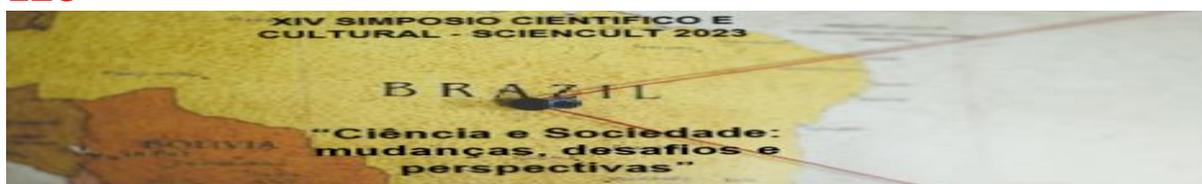
A aluna Roberta ao responder a pergunta sobre ter sofrido violência de gênero nos faz pensarmos sobre como a violência muitas vezes é desqualificada, pois é considerada como interpretativa. O que nos faz perceber que as relações de poder ainda são invisibilizadas e:

É necessário saber descobri-lo onde ele se deixa ver menos, onde ele é mais completamente ignorado, portanto, reconhecido: o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem. (BOURDIEU, 1989, p. 7-8).

Em alguns discursos das acadêmicas notamos que “o devir das representações vai modelando homens e mulheres, produzindo, assim, diferenças de gênero. (Saffioti, 1994, p. 55)”. Essas diferenças estão evidentes quanto à desqualificação delas, uma porque é mulher e mulher é cheia de “mimimi”, outra porque tem beleza e charme.

É interessante pontuar que numa pesquisa realizada com universitárias, a questão do trote foi citada apenas em uma resposta e não foi descrita como aconteceu à violência e nem de que natureza, mas fica evidente que não foi apenas um, mas universitários, que realizaram a violência.

O poder apresenta duas faces: a da potência e da impotência. As mulheres são socializadas para conviver com a impotência; os homens – sempre vinculados à força – são preparados para o exercício do poder. Convivem mal com a impotência. Acredita-se ser no momento da vivência da impotência que os homens praticam atos violentos, estabelecendo relações deste tipo [...] (SAFFIOTI, 2004, p. 84).



Há movimentos, eventos e mobilizações por parte dos acadêmicos que buscam mudar o cenário de medo, isso porque há sérias consequências, “acabam gerando fraco desempenho, evasão, baixa autoestima, depressão, ou seja, tem impacto negativo na aprendizagem e no bem estar das alunas” (UNESCO, 2015). A universidade também se posiciona contra o trote universitário, por se tratar de um jogo de poder entre veteranos e novatas.

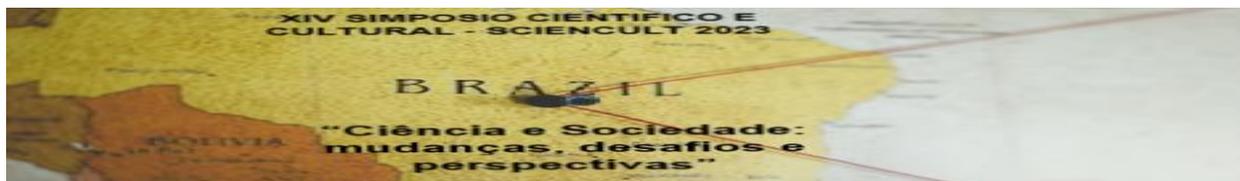
Da análise das respostas podemos interpretar que há algumas considerações que necessitam ser feitas, como é o caso de oito respostas que interpretam gênero relacionando com a orientação sexual do indivíduo. Isso se dá porque há dúvidas sobre o que de fato é gênero, muitas vezes não é dissociado a orientação sexual e o gênero. “A desconstrução do gênero interfere em sua construção, o que significa a possibilidade de desestabilização de qualquer representação”. (SAFFIOTI, 1994, p.54).

Contudo, o que observamos durante o estudo foi que muitas alunas não se compreendiam enquanto violentadas, mas compreendiam o que era e como acontecia a violência, o que parte de um movimento contraditório, em que as mulheres se percebem outras mulheres no papel de vítimas, mas não a si própria, fazendo com que a violência seja naturalizada. “É preciso que a sociedade se empenhe na eliminação de uma mentalidade habituada a promover a inferiorização de fato da mulher (SAFFIOTI, 1979, P.83)”. O ambiente acadêmico ainda carece de discussões sobre gênero, e casos de violência continuam ocorrendo e sendo banalizados. É fundamental romper com a cultura machista que privilegia os homens e silencia as mulheres e as tratam como culpadas.

Saffioti (2004) ressalta que precisamos distinguir o que pode parecer consentimento em situações de violência contra mulheres. A autora argumenta que as mulheres não estão consentindo, mas cedendo devido à falta de poder. Muitas mulheres se sentem pressionadas, coagidas ou ameaçadas a aceitar ou tolerar a violência devido ao medo. Por isso, é importante abordar não apenas os comportamentos violentos, mas as estruturas de poder que perpetuam a violência de gênero.

Considerações Finais

O feminismo marxista como método de análise permite compreender a construção histórica das opressões e explorações baseadas em classe, raça e gênero. Esse método materialista histórico dialético busca desenvolver as estruturas sociais em sua totalidade, contribuindo para uma base teórica. Uma abordagem interseccional deve levar em



consideração as interações complexas entre classe, raça e gênero nas lutas políticas, ao mesmo tempo que enfatiza a importância do método marxista para compreender e combater as opressões de gênero.

A violência de gênero representa a manifestação do poder sobre aqueles considerados “inferiores”, um conceito que se torna evidente no contexto acadêmico. Portanto, as Universidades tem a responsabilidade de promover a expansão da inclusão de diversos e novos grupos no seu espaço. Quando os serviços de escuta, não estão preparados para lidar com a violência de gênero, ela se torna invisível. Para torná-la visível, é crucial que as abordagens não culpem as vítimas, mas que busquem solucionar os problemas.

Embora tenha havido algum reconhecimento da violência de gênero nos ambientes acadêmicos, esse reconhecimento foi parcial e superficial. Enfrentar a invisibilidade das violências de gênero na Universidade requer debates contínuos, discussões e estratégias que assegurem a igualdade de direitos entre mulheres e homens. Além disso, é essencial abordar profundamente essa questão por meio de projetos de ensino, pesquisa e extensão.

Revelar a violência de gênero dentro da Universidade é fundamental para reconhecer e entender essas especificidades em suas várias dimensões sejam elas estruturais, específicas ou individuais, a fim de reduzir a invisibilidade que estão sujeitos aos grupos mais vulneráveis, nesse caso as mulheres.

Referências

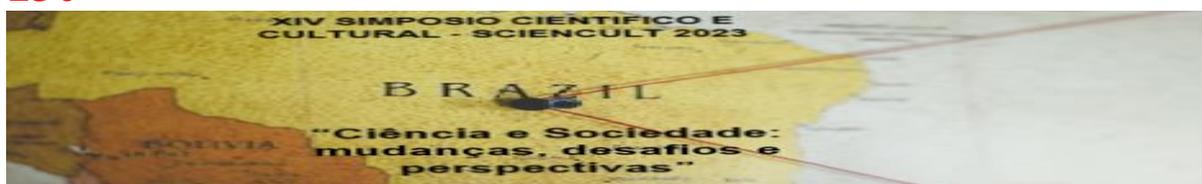
BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 1989.

BRASIL. Secretaria de Políticas das Mulheres. Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres. Brasília: DF, 2020.

CHAUÍ, M. A universidade pública sob nova perspectiva. **Revista Brasileira de Educação**, n24, p.5-15, dez. 2003.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S.; FRANCO, F. M. de M.. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro. Objetiva : Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia, 2004.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **atlas da Violência**. Brasília: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2016. 54 p.



ONU. Carta pelo fim do trote violento contra gênero e raça. Brasília: ONU; 2015. Disponível em: http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2015/02/carta_trotes.pdf. Acesso em: 15 abr. 2023.

PACHECO, J. A. **Estudos curriculares**: para a compreensão crítica da educação. Porto: Porto Editora, 2005.

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SAFFIOTI, H. I. B. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, A.O. ; BRUSCHINI, C. (orgs.) **Uma Questão de gênero**. São Paulo ; Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

SAFFIOTI, H. I. B. **Violência de gênero: lugar da práxis na construção da subjetividade**. Revista Lutas Sociais, São Paulo, n. 2, 1997.

SAFFIOTI, H. I. B. VARGAS, M. M. **Mulher brasileira é assim**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos: NIPAS: Brasília, D.F.:UNICEF, 1994.

SAFFIOTI, H. I. B. **Outros sexos? Outros gêneros? Unissexo? Unigênero?**. Cadernos de Crítica Feminista. Ano III, n. 2 – dez/2009.

UNESCO. **Violência de gênero em escolas impede milhões de alcançar potencial acadêmico**. 2015. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/unesco-violencia-de-genero-em-escolas-impede-milhoes-de-alcancar-potencial-acad/>>. Acesso em: 23 abr. 2023.

WOLFF, R. P. **O ideal da universidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1993.